

Estruturas e Texturas da Cidade Contemporânea: uma proposta de metodologia para analisar a cidade alargada

Teresa Calix

Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto, Portugal, Telefone/fax: 00 351 226 057 100 / 00 351 226 057 199
teresa.calix@arq.up.pt

A forma urbana da cidade contemporânea é um tema fundamental do nosso tempo.

Desde logo porque 'cidade' e 'forma urbana' não correspondem a um genérico universal e atemporal. Urbanização, entre outros significados, é uma expressão multiforme e multi-escala, reagindo a contextos entre hipermassificação global e localismos.

A incapacidade de partilha de uma ideia única de cidade, a perda de confiança nos referenciais, transporta uma ausência de auto-estima por aquilo que não se conhece e, simultaneamente, denuncia o fosso existente entre o espaço físico real e a sua percepção e representação.

Actualmente, não nos encontramos perante uma dicotomia entre a cidade e o urbano, ou dois tipos opostos de urbano, ou duas condições de cidade. O que acontece, efectivamente, é que estamos diante de uma nova entidade emergente que motiva uma multiplicação de discursos e retóricas, quer de rejeição quer de aceitação.

Mesmo para aqueles que reconhecem e aceitam a mudança de paradigma e a complexidade da nova ordem urbana tornou-se evidente que "não é possível fechar a caixa de Pandora e imaginar uma configuração mais simples do mundo" (Innerarity, 2001, p.231.)

Os materiais próprios da urbanização extensiva e da polarização, os padrões territoriais e as formas urbanas de génese recente não têm sido alvo de análises que estabeleçam um novo "arsenal taxonómico" (Solà-Morales, 1997, p.25.) e que ultrapassem a tradicional leitura da micro-escala dos tecidos consolidados e correspondentes espaços abertos.

Os estudos existentes sobre a forma urbana têm-se concentrado em análises à macro-escala, versando, maioritariamente, sobre as dinâmicas de crescimento e a configuração da estrutura espacial das regiões urbanas, ou seja, caracterizando a dimensão geográfica dos fenómenos de edificação e polarização e identificando o sistema de relações que se estabelece entre as situações territoriais mais representativas.

Mangin (2004, p.21.) designa como uma "curiosa ausência" este "défice de contribuições morfológicas e de demonstrações cartográficas" relativamente às 'novas cidades'. Explica esta circunstância com o domínio da iniciativa privada na construção das novas territorialidades

(múltiplas lógicas, portanto, sobrepostas a modos de regulação distintos e não a um 'plano'); com a inexistência de material cartográfico adequado, designadamente o cadastro (seja à micro, seja à macro-escala); com uma certa rejeição ao estudo da 'cidade ordinária' e com a velocidade de mutação imposta pela velocidade e pela aceleração das tecnologias. Face à representação estática da cidade canónica, contrapõem-se os efeitos do regime torrencial de produção de território urbanizado.

Aceitar a complexidade da urbanização contemporânea, nas suas diversas componentes e circunstâncias, e, acima de tudo, pretender compreendê-la exige, portanto, uma leitura que ultrapasse o corrente grau de abstracção e simplismo com que se descrevem estes territórios e que é cada vez mais distinto da sua realidade efectiva.

A leitura estrita da cartografia e das suas convenções gráficas, tal como normalmente é produzida, não permite a compreensão das características distintivas das várias territorialidades e, desta forma, a leitura do território tende a considerar muitos dos espaços de baixa densidade fora dos núcleos urbanos como uma sucessão homogénea e desinteressante meramente atravessada por canais de mobilidade que não introduzem materiais morfológicos diversos – espaços sem qualidades.

Reflectir sobre a dimensão morfológica do território exige ultrapassar uma lógica de interpretação do crescimento medido em termos exclusivamente funcionais e impõe reconhecer o seu código genético, a sua estrutura formal, a sua imagem física e a sua construção histórica (Sabaté, 2002, p.19).

A análise do território contemporâneo obriga, necessariamente, a um esforço de interpretação, compreensão e sistematização da complexidade urbana, exigindo-se à observação a selecção das dimensões a descrever e a definição prévia do problema que se pretende explicitar. A inventariação das entidades urbanas pertinentes, integrando as suas diferentes vertentes, deve considerar como pressuposto teórico fundamental que o ponto de partida para a compreensão é a descrição da realidade existente e, conseqüentemente, a identificação das partes inteligíveis.

O nosso propósito é, portanto, tornar legíveis e evidenciar os temas específicos da realidade construída contemporânea nas suas diversas escalas. A leitura a desenvolver implica conhecer as *Estruturas* mas, também, as *Texturas* do território, reconhecer os elementos construídos ou livres, imagéticos e simbólicos que este comporta.

O uso dos conceitos *Estrutura* e *Textura* corresponde, na verdade, ao recurso a um dispositivo narrativo que nos permite descrever a cidade contemporânea nas suas diversas escalas e

contextos. Os pressupostos que encerram actuam sistematicamente por sobreposição revelando a instabilidade que caracteriza o método proposto para a análise e, simultaneamente, a sua mais-valia enquanto mecanismo que permite traduzir, de forma real, a complexidade existente (as suas múltiplas escalas, variações e combinações).

Efectivamente, parece-nos fundamental para ultrapassar as limitações impostas pelos enquadramentos taxonómicos convencionais, avançar com uma metodologia de leitura que assuma na sua própria construção esta dimensão hipertextual das novas geografias urbanas da sociedade hipermoderna (Ascher, 2005).

Palavras-chave: Cidade contemporânea, Morfologia, Estrutura, Textura

Referências

- Ascher F (2005) *La société hypermoderne ou Ces événements nous dépassent, feignons d'en être les organisateurs*, Éditions de l'Aube, La Tour d'Aigues.
- Innerness D (2001) "Quiénes somos «nosotros»? Preliminares para una Política de la Identidad", *Revista de Estudios Políticos (Nueva Época)*, num.113, Julio-Septiembre, 225-236.
- Mangin D (2004) *La ville franchisée: Formes et structures de la ville contemporaine*, Éditions de la Villette, Paris.
- Sabaté J (2002) "En la identidad del territorio está su alternativa", *OP Ingeniería y Territorio 60. Ordenación del Territorio*, Colegio de Ingenieros de Caminos, Canales y Puertos, Barcelona, 12-19.
- Solà-Morales M (1997) "Territoris sense Model", *Papers n.º26: Les formes del creixement metropolità*, Institut d'Estudis Metropolitans de Barcelona, Barcelona, 21-27.